



2018/06/17

## A Cimeira de Singapura

Alexandre Reis Rodrigues

Existem algumas razões para saudar a iniciativa do Presidente Trump ao mostrar-se disponível para um encontro com Kim Jong Un e aceitar a sua concretização praticamente sem condições prévias. Se são ou não suficientes para contrabalançar os riscos políticos que foram corridos, quer no processo de organização do encontro, quer na sua concretização e desfecho, só o futuro o dirá, mas é desde já evidente que, fora do curto prazo, tudo permanece nebuloso e completamente incerto. Vejamos como, em ambas as situações.



No imediato (ou talvez, no curto prazo, segundo os otimistas), conseguiu reduzir-se as tensões que, aliás, se encontravam num patamar preocupante. O clima próprio do risco de uma confrontação nuclear foi substituído por um ambiente de negociação bastante distendido. Um resultado aparentemente positivo, principalmente se não cuidarmos de saber do “preço pago” pelos EUA. Voltarei a este ponto adiante.

No médio prazo, tudo se perspectiva diferente. Ao contrário do que a imprensa deixou transparecer, do encontro não surgiu nada que se possa assemelhar a um acordo. Apenas declarações de intenções da parte coreana, a que, pelo que se tem sido a postura habitual do regime, não é possível atribuir credibilidade. A principal declaração refere-se à promessa de “trabalhar no sentido da completa desnuclearização da península coreana”, em que Trump parece acreditar cegamente, não se sabe com que fundamentos.<sup>1</sup>

Nem uma única palavra sobre a questão dos mísseis balísticos, o arsenal de armas químicas que estão proibidas, guerra cibernética, direitos humanos, etc.<sup>2</sup> Nenhum sinal concreto de que o desarmamento nuclear da Coreia do Norte vai mesmo acontecer dentro de um prazo. Trump fala num processo muito rápido, o secretário de Estado, Mike Pompeo, fala num período máximo de dois anos, quando muito dois anos e meio. Curiosamente, o período que falta para Trump concluir o atual mandato.

Como pode garantir Trump que o líder coreano é confiável nos seus compromissos sobre a desnuclearização? Em que se baseia para dizer que estabeleceu uma «*terrific relationship*» com Kim Jong Un e para o convidar para uma visita à Casa Branca? Terá o líder coreano mudado realmente de política e se isso aconteceu a que se fica a dever? Terá mudado graças à agressividade que Trump mostrou quando declarou que estava pronto a usar a força e destruir o país se os testes nucleares continuassem ou mudou apenas de postura uma vez que se viu reconhecido como líder de uma potência nuclear, com estatuto para falar de igual com o presidente dos EUA?

<sup>1</sup> Trump chega a classificar a posição de Kim Jong Un como um «*unwavering commitment*».

<sup>2</sup> Temas de que Trump se queixa não terem sido abordados por Obama no acordo com o Irão.

Ninguém sabe responder a estas questões. Mas toda a gente sabe que a realidade estratégica que tem estado por detrás do relacionamento entre os dois países não é alterável a partir de um simples encontro em que nada ficou objetivamente assente.

Contrariando esta perceção geral, Pompeo garante que o comunicado do encontro não menciona todos os pontos acordados entre os dois líderes, querendo passar a ideia de que o entendimento alcançado é bem mais vasto do que foi dado a conhecer. Porque não é revelado todo o conteúdo? Talvez para não criar demasiadas expectativas ou porque anteriores experiências na procura de entendimentos mostram como é fácil que tudo falhe, mesmo havendo acordos detalhados.<sup>3</sup>

Não é, no entanto, apenas sobre a falta de transparência do comunicado que se dirigem as muitas críticas dos que procuram olhar para além do imediato. Não se percebe, por exemplo, porque Trump ofereceu, sem qualquer contrapartida, a suspensão dos exercícios militares com a Coreia do Sul, para total surpresa desta e sob o argumento de serem provocativos e desapropriados no atual contexto de esforços diplomáticos.<sup>4</sup> Bastaria reduzir a sua dimensão e âmbito, como se admitia anteriormente, para dar um sinal de boa vontade. Suspender foi cedência gratuita.<sup>5</sup>

Trump mostra-se convicto – ninguém sabe em que bases – de que nada vai falhar, mas se o desfecho não for o que espera, volta-se exatamente ao ponto de partida, isto é, de novo ao risco de guerra, mas agora acrescido pela evidência de que Pyongyang não negociará o seu arsenal nuclear. Os EUA terão que decidir entre ir para a guerra ou aceitar o facto consumado de uma Coreia do Norte como potência nuclear, situação que sempre disseram não permitir.

No contexto regional, a Coreia do Sul, embora surpreendida pela suspensão dos exercícios e apreensiva com a possibilidade de uma retirada americana da península - que Trump não escondeu considerar -, mostra-se esperançada de que a iniciativa irá resultar. A China também se mostra satisfeita, em especial com a decisão sobre os exercícios, que vê como um primeiro passo no sentido do afastamento dos EUA da sua área de interesse.

Com os aliados regionais dos EUA, principalmente o Japão, o ambiente é praticamente o oposto. Consolida-se a ideia de que o Presidente Trump, numa linha de aparente rotura com a atual ordem mundial e de abandono da tradicional postura de envolvimento dos EUA, não receia alienar aliados (Japão como pilar essencial para a presença americana no Pacífico ocidental), nem valoriza as alianças que foram criando para garantir estabilidade no mundo.<sup>6</sup> Não são sinais que ajudem a

---

<sup>3</sup> Glenn Kessler, jornalista que escreve para o "Washington Post" e é autor do "blog" "Fact Checker", relembra, por exemplo, o comunicado do acordo de setembro de 2005, então assinado pelos EUA e Coreia do Norte, com mais quatro subscritores (China, Japão, Coreia do Sul e Rússia) que, embora muito claro no compromisso assumido pela Coreia do Norte, nem por isso acabou por ser concretizado. Dizia o seguinte: «*The DPRK committed to abandoning all nuclear weapons and existing nuclear programs and returning, at an early date, to the Treaty on the Nonproliferation of Nuclear Weapons and to IAEA safeguards. The United States affirmed that it has no nuclear weapons on the Korean Peninsula and has no intention to attack or invade the DPRK with nuclear or conventional weapons.*».

<sup>4</sup> A Coreia do Sul tinha lembrado anteriormente que a questão dos exercícios estava fora da agenda das discussões sobre a questão nuclear, posição reafirmada pela administração americana quando esclareceu que era assunto não negociável na medida em que se inseria no campo da proteção de um aliado regional. O almirante Harry Harris que se encontra designado para embaixador dos EUA na Coreia do Sul depois de ter sido o Comandante das forças americanas para o Pacífico, que foi o grande defensor da continuação dos exercícios, já veio dizer que afinal a sua suspensão faz muito sentido e não afetará a prontidão das forças destacadas.

<sup>5</sup> Não se vê como este compromisso possa ser mantido se os EUA continuarem com uma presença militar na Coreia do Sul. É inquestionável que as forças devem ser periodicamente treinadas.

<sup>6</sup> Começa a reacear-se que a próxima cimeira da NATO em julho seja uma espécie de segundo "round" do espetáculo iniciado na Canadá, à volta da reunião do G7, com o Presidente americano em aberta discordância dos tradicionais aliados.

concretizar o processo de desnuclearização. Dizem à Coreia do Norte que tem o tempo pelo seu lado, bastando aguardar na expectativa de que a possível retirada dos EUA da Coreia do Sul se concretize.

Kim Jong Un, no passado recente, deu alguns sinais de querer começar a abrir o país ao mundo, mas será difícil acreditar que, no horizonte que se consegue imaginar, o regime coreano venha a desistir do arsenal nuclear, depois de mais de uma década de enormes esforços para o conseguir, extraordinários custos e a manutenção da população privada dos mais elementares direitos humanos. Para um futuro mais distante – para terminar este texto com uma nota positiva – fica a esperança de que as sanções, de que os EUA não abdicaram, tornem inviável a continuação do regime coreano tal como tem funcionado desde que Kim Il-sung – avô do atual Presidente - assumiu o poder, em 1948.